

DIAGNOSTICANDO AS TORCIDAS
ANTIFASCISTAS: COMO A CLASSE, A
RAÇA E O GÊNERO REDIMENSIONAM
AS RELAÇÕES DE PODER NO
FUTEBOL A PARTIR DA *ULTRAS*
RESISTÊNCIA CORAL

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO
Universidade Estadual do Ceará
caiolucasmorais@gmail.com

RESUMO

Este artigo avalia a emergência de torcidas antifascistas na história dos modelos coletivos do torcer e os tensionamentos provocados nas dimensões de gênero, de raça e de classe. A partir da projeção e do alcance que o futebol produziu desde o século XX, mobilizando milhares de pessoas de diferentes formas, questões como machismo, homofobia e racismo conformaram a experiência desse esporte na sociedade. Paralelamente, devido à profusão de torcidas antifascistas no século XXI, por meio da trajetória da Ultras Resistência Coral - torcida do Ferroviário Atlético Clube, criada em 2005- delineamos um quadro histórico das torcidas organizadas através do esboço da terminologia de primeira, segunda, terceira e quarta ondas do torcer. Utilizamos como fontes históricas depoimentos, periódicos e imagens, ressaltando suas condições sociais de produção e de circulação. Portanto, este artigo se propõe a salientar os desdobramentos, os significados e o potencial político do antifascismo nas torcidas de futebol, ao trazer à tona manifestações sociais de torcedores/as organizados/as. Dessa forma, há neste texto um diagnóstico do movimento contemporâneo de politização, sob o ponto de vista político de esquerda, dos espaços futebolísticos.

Palavras-chave: Torcidas antifascistas. Torcidas Organizadas. Sociabilidade Militante.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2021.

DIAGNOSING ANTI-FASCISTS
SUPPORTERS: HOW CLASS, RACE
AND GENDER REFRAME THE POWER
RELATIONS IN SOCCER FROM THE
ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL

CAIO LUCAS MORAIS PINHEIRO
Universidade Estadual do Ceará
caiolucasmorais@gmail.com

ABSTRACT

This article evaluates the emergence of anti-fascist supporters in the history of collective models of cheering and the tension caused in the dimensions of gender, race and class. From the projection and reach that football has produced since the 20th century, mobilizing thousands of people in different ways, issues such as machismo, homophobia and racism have shaped the experience of this sport in society. In view of the profusion of anti-fascist supporters in the 21st century, through the Ultras Resistência Coral path - supporters from Ferroviário Atlético Clube founded in 2005 - we consider to outline a historical picture of the supporter's club through the sketch of the terminology of first, second, third and fourth waves of the sheering. We use testimonies, periodicals and images as historical sources, highlighting their social conditions of production and circulation. Therefore, this article focuses on the unfolding, meanings and political potential of anti-fascism in football fans by manifestations of the supporter's club surfaced. Then, in this text there is a diagnosis of the contemporary politicization movement, from the political point of view of the left, of football spaces.

Keywords: Antifascists supporters. Supporter's Club. Militant sociability.

INTRODUÇÃO

Entre os meses de maio e junho de 2020, diante da pandemia do novo coronavírus, o espaço urbano das principais cidades no Brasil presenciou a ocupação de ruas e praças públicas por manifestações sociais. Integradas e reivindicadas, sobretudo, pelas torcidas organizadas¹; esses atos – autodenominados antifascistas e pró-democracia – procuraram disputar os espaços apropriados por manifestantes a favor do Governo Bolsonaro, que, em meio ao isolamento social na pandemia, estiveram presentes em ocupações e carreatas durante várias semanas², particularmente no caso evidenciado pelo movimento liderado por Sara Winter, os 300 do Brasil³, na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

À vista disso, o recrudescimento de manifestações antifascistas, lideradas por torcidas organizadas, lança luz às contradições e desigualdades sociais agravadas ainda mais com a pandemia. Trabalhadores e trabalhadoras, desempregados e desempregadas, os/as informais da juventude periférica acompanharam esses atos antifascistas, quando não, como membros das torcidas organizadas: lugar-tempo de sociabilidade de milhares de jovens no Brasil.

Em contrapartida, sob o signo dos desdobramentos sintomáticos dessa conjuntura, este artigo busca oferecer caminhos para a compreensão das seguintes indagações: até que ponto esse encontro entre torcida organizada e antifascismo consiste em algo novo? Há agrupamentos de torcedores politizados – e de que modo se expressam – do ponto de vista de esquerda? Caso a resposta seja afirmativa, quem são esses atores sociais, como e há quanto tempo se articulam?

Ao historicizarmos os modos de expressão, comportamento e sociabilidade das torcidas organizadas, depreende-se que, em cada contexto, essas instituições ressignificaram suas práticas ao atribuir novos valores e sentidos⁴. Na segunda década do século XXI, conformou-se uma profusão de torcidas/coletivos/movimentos intitulados antifascistas, que buscam combater o machismo, a homofobia, o racismo, a violência e a elitização do futebol⁵.

Diante disso, este artigo traz à tona os tensionamentos, os significados e os efeitos desse

1 A miríade de atos e manifestações sociais em junho de 2020, cujos contornos e características são complexos, permanece ainda desafios para avaliar seus impactos e consequências. Associado também aos atos por igualdade racial e justiça, em decorrência do assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, os meses de maio e de junho foram efervescidos com as pautas antifascistas em debates. Em várias capitais do Brasil, torcedores participaram das manifestações sociais, ao trajar camisas e adereços de torcidas organizadas, mesmo que institucionalmente muitas torcidas, oficialmente, não tenham deliberado seu posicionamento.

2 (1) COVID – 19: Bolsonaro incentivou carreata contra isolamento social em Manaus; (2) GRUPO faz carreata e aglomeração contra isolamento em fortaleza, mas é dispersado pela polícia.

3 SARA Winter não tinha nem 30 em protesto contra STF.

4 Há análises que desenvolveram uma história social dos modelos coletivos do torcer e uma memória histórica do antifascismo nas torcidas, da primeira metade do século XX ao século XXI. A metáfora dos movimentos de ondas na história do mar das torcidas, nuançada na próxima seção, funciona como um guia que sumariza as partes do texto arregimentadas em outro trabalho. Ao invés da percepção a priori da sucessão de modelos de torcidas organizadas em primeira, segunda, terceira e quarta ondas, a metáfora chama a atenção para o mosaico da história do fenômeno, as reminiscências e as residualidades presentes entre os modelos. Para maiores informações, conferir Pinheiro (2020), Tese de Doutorado em História apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IFCH/UFRGS), sob o título “As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)”.

5 Em função do espaço e do limite para a análise proposta neste artigo, reforçamos que a relação entre o antifascismo e as torcidas tem sua gênese na Europa, cujo contexto internacional não será intenção para essas páginas. Contudo, desenvolvemos este debate em outro trabalho, conferir Pinheiro (2020).

encontro entre torcidas organizadas e antifascismo, posicionando-o no tempo e avaliando o potencial político envolvido nessa manifestação. Argumenta-se que a atuação da juventude enquanto torcedores extrapola os domínios do futebol, particularmente se considerarmos que muitos deles são homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras que evidenciam novos e necessários questionamentos para serem investigados com lentes mais precisas e à luz do refinamento teórico. Para isso, as fontes históricas garimpadas perpassam os depoimentos colhidos pela metodologia da História Oral⁶; as imagens como forma de narrativas e de ação, seu agenciamento e artefatos de sua visualidade; e periódico, que, das fontes consultadas, consiste naquela que menos noticiou e informou a respeito das torcidas antifascistas, o que é significativo e expressivo para esta escrita.

Nesse sentido, há três partes neste texto que não devem ser compreendidas separadamente, uma vez que a divisão, apenas para fins de inteligibilidade, consiste em um recurso em que invariavelmente avança e retoma elementos outrora refletidos. Na primeira seção, analisamos a emergência das torcidas antifascistas no Brasil e sua multiplicação após a Copa do Mundo de 2014, especialmente com a implementação de uma agenda ultraconservadora e neoliberal no país.

Ainda neste momento inicial do artigo, demarcamos a singularidade da trajetória da Ultras Resistência Coral (URC), do Ferroviário Atlético Clube (FAC)⁷, torcida criada em 2005, que propõe um engajamento emocional com o clube a partir de um viés político de esquerda, provocando rachaduras nas relações historicamente constituídas nos espaços futebolísticos.

Assim, o título da primeira seção – “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”: a emergência das torcidas antifascistas no Brasil – delineia o projeto de atuação do grupo nos estádios de futebol. Nesse seguimento, é por meio da trajetória da Ultras Resistência Coral que examinaremos a emergência das torcidas antifascistas e seus desdobramentos, tendo em vista que outras associações/coletivos de torcedoras recuperam e acionam a experiência da Ultras como papel importante na história do antifascismo no futebol brasileiro⁸.

A segunda parte lança luz para as dimensões de classe, raça e gênero pautadas pelas torcidas antifascistas, problematizando os sentidos atribuídos pelas narrativas desses sujeitos. Dessa forma, buscamos avaliar o potencial e o impacto político protagonizados pelos agrupamentos antifascistas no futebol ao disputar e ao questionar a cisheteronormatividade

6 Tributário de sucessivos debates envolvendo historiografia e história oral, tal como indica Gomes (2020), este texto esboça os tensionamentos construídos por sujeitos através de seus depoimentos. Vale lembrar que, por estarem vinculados a organizações políticas de esquerda em um contexto de avanço do conservadorismo, eles solicitaram a não identificação de seus nomes. Assim, utilizamos letras aleatórias para citá-los. É necessário enfatizar ainda que as narrativas foram transcritas tal como desenvolvidas por esses sujeitos, o que sugere que eventuais erros gramaticais e vícios de linguagem não desqualificam as subjetividades e as informações dos depoimentos.

7 O Ferroviário Atlético Clube (FAC), fundado em maio de 1933, é um clube com sede na cidade de Fortaleza (CE), reconhecido popularmente como clube dos trabalhadores em alusão à atuação de funcionários da Rede Ferroviária Federal (REFFSA) na fundação do clube.

8 Este artigo não tem o objetivo de pontuar o pioneirismo da torcida Ultras Resistência Coral e considerá-la uma espécie de vanguarda do antifascismo no Brasil. Em que pese a presença recorrente de depoimentos dos membros da URC que afirmam o pioneirismo, bem como de outras torcidas e coletivos antifascistas, pretende-se esboçar as motivações, estratégias e escolhas desses sujeitos na experiência da torcida. Da sua fundação a segunda década do século XXI, especialmente após as Jornadas de Junho de 2013, há uma dinâmica singular em sua trajetória até a profusão de outras torcidas antifascistas.

tradicionalmente construída no esporte.

Ao fim e ao cabo, a última seção deste artigo tem como escopo não encerrar a discussão, mas instigar novas investigações para ensejar problemáticas acerca da experiência das torcidas organizadas e suas sociabilidades que envolvem milhares de sujeitos, trabalhadores(as), desempregados(as) e informais.

“NEM GUERRA ENTRE TORCIDAS, NEM PAZ ENTRE CLASSES”: A EMERGÊNCIA DAS TORCIDAS ANTIFASCISTAS NO BRASIL

A recente profusão das torcidas antifascistas se insere em um quadro histórico em que diferentes modelos coletivos do torcer se articularam e se expressaram em cada contexto desde a primeira metade do século XX. A politização do torcer, sob o ponto de vista de esquerda, consiste em um fio condutor da trajetória da torcida Ultras Resistência Coral, embora outros agrupamentos tenham pautado anteriormente alguns dos elementos arrematados por esse coletivo¹⁰.

A despeito das (con)fusões em torno do trabalho sobre a memória desses sujeitos e agrupamentos desenvolvidas por diferentes pesquisas em vasta literatura, procuramos pontuar algumas ressalvas neste artigo. Ao prospectarmos mapear a multiplicação das torcidas antifascistas, relevantes questões, particularmente os debates sobre o discurso, sua construção e seus efeitos, não serão objeto central da investigação nessas páginas.

Criada em 2005, os componentes da URC propuseram instituir um modelo de torcida diferente das instituições de torcidas organizadas hegemônicas, que se caracterizavam tanto pela sólida estrutura e profissionalização de suas atividades como pela sociabilidade conflitiva com torcedores rivais. Desse modo, o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 representou um colapso parcial das tradicionais torcidas organizadas, tendo em vista a explosão das rivalidades, dos conflitos e da violência, cujas marcas podiam ser apreendidas no cotidiano urbano e bairros de diferentes cidades.

Em contrapartida, ao partilhar, de um lado, uma subcultura que envolvia, dentre outros aspectos, estética, performance e música – *skinhead*¹¹ – e, por outro lado, procurando resgatar a consciência de classe tributária da criação do Ferroviário Atlético Clube por trabalhadores nos anos 1930, os fundadores da URC deram início a uma nova forma de torcer que apresentava determinada concepção política no futebol.

Inúmeras torcidas antifascistas, que atualmente estão espalhadas em várias cidades do Brasil, dialogam e reconhecem o pioneirismo da Ultras Resistência Coral, embora levamos em consideração o problema associado aos mitos fundadores e aos protagonismos sobre o pioneirismo, indo muito além da questão etária. Para problematizar tais aspectos, é fundamental

9 A expressão “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes” remete à frase cunhada em uma faixa da torcida Ultras Resistência Coral, apropriada por várias outras torcidas em seguida. A segunda imagem deste artigo apresenta a faixa supracitada.

10 Existiram outras importantes torcidas que dialogam direta e indiretamente com a atuação da Ultras Resistência Coral. A Coligay, na cidade de Porto Alegre, foi uma torcida do Grêmio nos anos 1970 que questionou os padrões cisheteronormativo no esporte. Para maiores informações, conferir Anjos (2018); Bandeira e Seffner (2020).

11 O pertencimento à subcultura *skinhead* desses sujeitos advém do movimento denominado Red and Anarchist Skinheads (RASH), que consiste em agrupamentos transnacionais de *skinheads* socialistas e anarquistas, com sede em várias cidades, subdivisões denominadas como Seção. Trata-se, portanto, de uma subcultura que evidencia certa globalização das experiências partilhadas pela cultura juvenil.

entender as condições sociais de produção das fontes históricas, desmonumentalizando e dessacralizando a memória, tendo em vista a centralidade dos depoimentos na pesquisa histórica.

Assim, a interdependência entre teoria, prática e metodologia impossibilita classificar a História Oral apenas como uma prática e uma técnica, que a compreende enquanto experiências relacionadas apenas à gravação de depoimentos, transcrição de entrevistas, aparelhagem de sons a fim de constituição de acervos orais. Segundo a historiadora Marieta de Moraes Ferreira:

O testemunho oral representa o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectivas nem sempre presentes em outros trabalhos históricos, como as relações entre escrita e oralidade, memória e história, ou tradição oral e história; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA, 2012, p. 171).

Ao adquirir centralidade nesta pesquisa, a fonte oral nos desloca para a reflexão em torno da instância da memória, que acarreta desdobramentos teórico-metodológicos sobre a narrativa e a forma de construção do discurso, pois, de acordo com Alessandro Portelli (2013), fontes orais são fontes narrativas. Nesse seguimento, a análise das visões de mundo de determinados grupos sociais, por meio das memórias que espelham representações, não se torna inviável e desqualificada por possíveis distorções dos depoimentos, falta de veracidade, esquecimentos e silenciamentos, mas uma fonte adicional que possibilita o trabalho sobre a memória, relevante para historiadores e historiadoras.

Nessa perspectiva, utilizamos uma taxonomia para periodizar a história dos modelos de torcidas através da terminologia da primeira, segunda, terceira e quarta ondas. Designação originalmente levada a cabo para demarcar as dinâmicas do torcer no Estado do Ceará, os movimentos de primeira, segunda, terceira e quarta ondas podem ser estendidos para compreender a estruturação das torcidas em outras regiões e espaços, ressaltando as rupturas, permanências, sutilezas e residualidades que conformam tais transformações.

Resumidamente, a primeira onda se refere à constituição das torcidas comandadas pelo *chefe de torcida* desde a primeira metade do século XX. Por meio da centralização e do princípio unitário, a primeira onda lança luz sobre o papel do chefe de torcida e dos integrantes uniformizados da charanga, e a festividade elaborada com os instrumentos de sopro e de percussão. Dessa forma, ao funcionar como um dispositivo de controle das torcidas que se popularizavam, os chefes de torcida mobilizavam e promoviam o clube, constituindo uma referência, um torcedor autêntico e símbolo.

No Estado do Ceará, a charanga do Gumercindo, o Pedrão da Bananada e o Zé Limeira centralizaram a organização coletiva dos torcedores entre as décadas de 1950 e 1970 ocupando espaços da imprensa nos jornais e nas emissoras de rádio. Assim, esses chefes de torcida atuavam em paralelo com as demandas sociais do período, colaborando direta e indiretamente com o aumento do público nos estádios no momento de maior intensificação

de jogos interestaduais.

O comando dos chefes de torcida foi questionado direta e indiretamente por uma juventude que, a partir do final dos anos 1970, passaram a ocupar os espaços que anteriormente estavam centralizados pelo chefe de torcida. O movimento da segunda onda é resultado desse processo, consolidando-se nos anos 1980 com a multiplicação de torcidas organizadas jovens, que se estruturavam a partir das estratégias coletivas de uma diretoria com cargos e funções específicas na torcida, além de patrocínios. Essas instituições mobilizaram centenas de torcedores nos estádios e promoveram espetáculos na arquibancada que envolviam uma preparação e articulações muito além do espaço-tempo do jogo de futebol, simultaneamente atribuindo o valor de família e de amizade aos agrupamentos. Nessa perspectiva, os componentes das torcidas organizadas, por meio de rituais formais e informais, teceram relações sociais, atribuíram um sentido particular para as experiências e construíram um vínculo de pertencimento clubístico que possibilitou a reprodução das torcidas organizadas até a atualidade.

A terceira e a quarta onda são movimentos na história das associações coletivas do torcer que ocorrem no limiar do século XXI, no momento de formulação de *torcidas alternativas* às torcidas organizadas, mas que nesse reordenamento, há uma diversidade considerável de expressões do torcer.

Argumentamos que, no século XXI, houve um certo colapsamento da forma coletiva do torcer instituída pelas torcidas organizadas. Esse colapso foi parcial, uma vez que as torcidas organizadas não deixaram de existir em sua totalidade; esse fenômeno é evidenciado por dois caminhos: a terceira e a quarta ondas. 1) o primeiro consiste na renovação protagonizada por sucessivos agrupamentos que irromperam enquanto dissidências das torcidas organizadas tradicionais e que conseguem considerável penetração no espaço futebolístico. Para esse fenômeno, que abrange uma pluralidade de torcidas (dentre elas, as *barras bravas*) designamos como o movimento de terceira onda da história das torcidas. 2) a segunda implicação do colapsamento se trata de uma crítica, sob o ponto de vista político de esquerda, que institui um contraponto aos modelos coletivos do torcer existentes a partir das torcidas antifascistas. A presença das torcidas *antifas* nos estádios procura combater aspectos historicamente constituídos no espaço futebolístico, dentre eles a violência, o machismo, a homofobia, o racismo e a xenofobia.

IMAGEM 01 - URC NO ESTÁDIO PRESIDENTE VARGAS EM 2019



Fonte: página do Facebook, Ultras Resistência Coral.

A visualidade da imagem acima externa alguns aspectos relevantes, especialmente os símbolos comunista e anarquista na bandeira do clube; integrantes com punho cerrado e erguido; a considerável presença de mulheres e os rostos borrados a fim de não identificar os(as) membros(as). Nesse sentido, a Ultras Resistência Coral precipitou o movimento da quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer. Contudo, buscamos analisá-la não somente como um acontecimento, mas também pelo projeto proposto, pelas permanências e os efeitos da sua inserção nos estádios a curto, médio e longo prazo.

Vale ressaltar também que o movimento de quarta onda, inaugurado pela URC, existe concomitantemente com a segunda e terceira ondas anteriormente analisados, ora se distanciando, ora se aproximando na fluidez do mar das torcidas. Assim, desde 2005, a Ultras Resistência Coral incorporou outros componentes, tomou diferentes formas e, por esses motivos, propomos uma categorização temporal para facilitar o entendimento da trajetória do grupo.

Utilizamos o mecanismo geracional, o qual a classificamos em três gerações para interpretar a experiência da URC. Na primeira geração, seus integrantes consistiam basicamente no núcleo fundador, a saber, aqueles que partilhavam a subcultura *skinhead* e a militância no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). A segunda geração se caracteriza pela abertura a integrantes que simpatizaram com as ideias e as bandeiras defendidas pela URC. Dessa forma, vários membros tornaram-se integrantes orgânicos da torcida, especialmente sujeitos que militavam em partidos de esquerda para além do PSTU; a URC se consolidou enquanto uma Frente Ampla de Esquerda nos estádios, agregando socialistas, anarquistas e simpatizantes. Diante disso, a terceira geração se estruturou recentemente, após Jornadas de Junho de 2013, cuja multiplicação das torcidas antifascistas no Brasil possibilitou estender o diálogo entre a rede de associações torcedoras *antifas*, não só no Brasil, mas em uma dimensão transnacional.

Oficialmente, a URC começou a atuar no Estádio Presidente Vargas em 31 de julho

de 2005, na estreia da Série C do Campeonato Brasileiro contra o Serrano de Pernambuco. Vejamos como um dos fundadores, B¹², retratou esse episódio:

Então nós fomos e levamos a nossa primeira faixa, que trazia o lema da torcida: *nem guerra entre torcidas nem paz entre classe*. Foi a primeira faixa, pintada à mão, e ganhou uma repercussão dentro da torcida do FAC. Nessa época, nós tínhamos um panfleto chamado de manifesto de apresentação da resistência, nós distribuimos amplamente para a torcida, apresentando nosso ponto de vista que tinha o antimachismo, o antirracismo, anti-homofobia e contrapor a violência gratuita. Dizia que nós “enxergávamos” as outras torcidas pelo aspecto de classe, não víamos eles como inimigos e nós tínhamos mais era que nos unirmos mesmo. Foi aí que a torcida foi ganhando adeptos, por exemplo A [13], que era frequentador de estádio há mais tempo e que tinha uma concepção de esquerda. E assim foram se aproximando várias pessoas que também tinham essa concepção¹⁴.

Estar em permanente atividade se trata de um elemento que singularizou a URC na medida em que alguns agrupamentos, que estão imersos na quarta onda da história do torcer, atuam, sobretudo, por meio das redes sociais. Por conseguinte, de acordo com a narrativa de B, a apresentação da torcida nos estádios era central para a ação de disputa política pretendida pelo coletivo, o que nos sugere considerar a URC como um tipo híbrido ao se apropriar de diferentes matizes tanto quanto pioneira no antifascismo como pela partilha de aspectos das torcidas organizadas tradicionais.

IMAGEM 02 – PRIMEIRA FAIXA COM O LEMA DA ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL



Fonte: Acervo Pessoal.

Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes, frase pintada à mão na faixa, impactou desde a primeira vez que foi levada aos estádios. A tradição que estava sendo inventada rompia com o que normalmente se deparava nos estádios, pois o modelo de torcer coletivo instituído pelas torcidas organizadas alcançou uma dimensão simbólica e significativa no imaginário do torcedor.

Embora a URC, de imediato, não tenha adquirido muitos integrantes no que se refere à projeção quantitativa, atribuímos o impacto causado pela faixa especificamente à inovação do teor político e à maneira de como conceber o rival: sem guerra e sem violência. Isto é,

combater a violência entre torcedores rivais – mas sob o prisma da consciência de classe - era algo inovador para um ambiente historicamente masculino e machista, hegemônico pelo modelo coletivo do torcer das torcidas organizadas.

O trecho *Nem paz entre classes* refletia a trajetória da militância política dos fundadores no PSTU, exteriorizando a posição política, a consciência de classe e a leitura de mundo que aquele grupo elaborava. De acordo com B, o manifesto que eles entregaram no primeiro jogo da Ultras Resistência Coral afirmava a posição antimachista, anti-homofobia e antirracista do grupo, ocultando, por exemplo, o debate anticapitalista que defendiam, pensando estrategicamente na forma como seriam vistos pelos outros torcedores em geral.

A experiência da URC raramente foi registrada pelos grandes empreendimentos de comunicação da cidade de Fortaleza. Em uma das vezes em que foi mencionada, na reportagem intitulada “Boleiros Companheiros”, do jornal *O Povo*, seu caráter político de esquerda foi destacado pela imprensa:

A Ultras Resistência Coral, torcida organizada do Ferroviário, é a facção que representa o segmento mais político dos corais atualmente. A página da torcida na internet (<http://www.geocities.ws/resistenciacoral/textos.htm>) tem artigos repudiando o racismo, o fascismo e machismo. Também há um manifesto contra o capitalismo e pregando a união entre os rivais. “Nem guerra entre as torcidas. Nem paz entre as classes” é um dos lemas da Ultras (O POVO, 2007, p. 18).

O modo como a imprensa esportiva retrata a URC, enquanto *facção* mais política da torcida coral, sugere uma generalização das formas coletivas do torcer por meio das torcidas organizadas, narrativa reveladora das problemáticas concernentes ao movimento da segunda onda na história do torcer coletivo.

Além disso, a reportagem refletiu acerca da relação entre política e futebol na história do campeonato cearense, apontando para a existência de vários clubes que representaram a luta de classes no futebol. Em contraposição a ideia de que o futebol é “ópio do povo” e alienação política, o redator, Ciro Câmara, recorreu à história para mostrar que vários exemplos dão conta da *tabelinha do futebol com as questões sociais*:

Além do Ferroviário, outros times de futebol cearenses também nasceram a partir da iniciativa das classes trabalhadoras. Uma das equipes com maior êxito desse grupo foi o Usina Ceará. Conhecido como “O Time Fabril”, o Usina surgiu por obra de funcionários e operários da Fábrica Siqueira Gurgel, que ficava no bairro Otavio Bonfim, em 1949¹⁵.

O Usina Ceará¹⁶ integrava o *corpus* de trabalhadores que utilizavam a bola em prol de lutas políticas. Os operários-jogadores construíam uma relação de resistência e de dominação com o patrão, redefinindo as relações sociais dentro da fábrica. Se durante esse período os clubes ou jogadores já mobilizavam determinadas insatisfações nas relações de dominação e de resistência, nos anos 2000, a Ultras Resistência Coral instituiu, através de uma sociabilidade torcedora-militante, uma forma coletiva do torcer que também não tardaria a ser alvo de outras estratégias de dominação. Contudo, assim como o FAC e o Usina, outros clubes evidenciam essa relação:

Quem também mantinha equipe disputando o Estadual eram os trabalhadores dos Correios,

15 Ibidem.

16 Sobre a criação e a trajetória do Usina Ceará, conferir a dissertação de mestrado em história: MARTINS, Pedro Paulo da Silva. Máquinas paradas e pés à obra: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965) – 2017, 159f.

através do Nacional, fundado em 1942. O time participou de 15 edições da competição entre os anos de 1950 e 1966, mas nunca passou de figurante. Entre 54 e 59 ostentou o indigesto jejum de 47 jogos sem vitórias (não disputou o campeonato de 57). Outros times de classes proletárias são o Icasa (Indústria Caririense de Algodão), de Juazeiro do Norte; o Volante, dos motoristas e taxistas; e o Tramways, da empresa elétrica Ceará Light, campeão estadual em 1940 (O POVO, 2007, p. 18).

A dimensão simbólica do Ferroviário Atlético Clube enquanto time operário singularizava a experiência do torcer para esse time, uma vez que representava a identificação com o clube forjada direta e indiretamente pela consciência de classe. Esse mecanismo é essencial, de acordo com os membros da Ultras Resistência Coral, no repertório constituinte do engajamento emocional e pertencimento dos torcedores vinculados ao clube. Entretanto, entre a fundação do Ferroviário em 1933 e a criação da Ultras em 2005, há uma dinâmica de (re)criações, apropriação, esquecimentos, silenciamentos que não possibilitam uma linearidade e continuidade homogênea desses aspectos.

Na esteira desse processo de escolhas e de invenção de uma tradição, – um novo modelo coletivo do torcer – as tradições inventadas indicam sintomas fundamentais do processo histórico, pois “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas imposição da repetição”. (Hobsbawm; Ranger, 1997 p. 12).

Assim, a URC se insere na tradição dos modelos coletivos do torcer, porém não se refere apenas ao passado, uma vez que provoca no tempo presente rachaduras nas torcidas organizadas anteriores e, simultaneamente, redimensiona o torcer no horizonte de expectativa. Dessa forma, ao buscar referência nas torcidas ultras de esquerda da Europa, a URC acrescentou ao nome o termo Resistência, tendo em vista o fato do Ferroviário ter sido um clube criado eminentemente por operários e, além disso, nos anos 2000 somava-se à crise financeira que o time atravessava diante do crescimento dos seus adversários da cidade de Fortaleza.

Por isso que a gente pensou bem o nome Resistência Coral, porque tinha a ver primeiro com a fase que o time vivia, porque era uma forma de resistência ao futebol moderno e tinha a ver mesmo pelo aspecto de classe. Outro aspecto fundamental que também nos moveu para a criação da torcida foi justamente resgatar a origem de classe do ferroviário, porque desde os anos 1990 o ferroviário vinha perdendo aquela identidade de classe, inclusive dentro da torcida. E, a partir do manifesto que nós lançamos, tentamos resgatar as origens de classe do clube¹⁷.

Resistir ao futebol moderno, à elitização e à opressão da classe trabalhadora. Estes eram os entendimentos narrados pelo grupo em meados da primeira década do século XXI, cujas escolhas possuíam desdobramentos ao trazer à tona peculiaridades que, certamente, não estavam no repertório de atuação das principais torcidas organizadas.

A *origem de classe* do Ferroviário lança luz sobre uma memória coletiva transmitida de geração para geração, que exerce a função de uma comunidade imaginada para os torcedores do clube, apesar de que essa circulação da memória é tensionada e apropriada de diversas

17 B é torcedor do Ferroviário Atlético Clube e um dos fundadores da Ultras Resistência Coral em 2005. De família oriunda do município de Uruburetama, no Vale do Curu, B tinha, no momento da entrevista em 2018, 34 anos. Viveu parte da sua vida no Bairro Mucuripe. Atualmente cursa Música e trabalha no Barbarians Pub.

formas, tendo em vista os diferentes usos do passado¹⁸.

No entanto, para a URC, partilhar essa memória constitui uma dimensão simbólica que potencializa a disputa por um outro futebol. Nesse caso, a torcida enfatizou a origem de classe ao se contrapor aos rumos tomados pelas torcidas organizadas tradicionais, que se tornaram empreendimentos e empresas no século XXI; Dessa forma, foram secundarizados, direta e indiretamente, os valores tradicionais creditados a uma torcida na vida associativa do clube, embora os sentidos, expectativas e desejos dos torcedores organizados constituam – e são constituídos – ao longo do tempo, em cada época, ao passo das tensões específicas do contexto.

POR UM FUTEBOL QUE DEFORME¹⁹: NARRATIVAS DE COMBATE AO MACHISMO, À HOMOFOBIA E AO RACISMO

Em relação ao debate acerca da definição e da atuação nos estádios, a primeira geração da Ultras Resistência Coral edificou a base sobre a qual o coletivo permanentemente se ressignifica até a atualidade. Esses sujeitos atuaram diante da tradição das formas coletivas do torcer e instauraram um novo padrão nessa tradição:

(...) Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta. (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 13-14)

De acordo com a reflexão de Hobsbawm e Ranger, as novas tradições – como o movimento de quarta onda da URC – só são possíveis na medida em que transformações amplas e rápidas possibilitam suas emergências. Nessa perspectiva, o quadro histórico do limiar do século XXI trazia à tona o desgaste das torcidas organizadas ao evidenciar a problemática da violência, das rivalidades entre torcidas e dos conflitos entre bairros, que ocasionavam uma espécie de criatura se voltando contra o criador. Outro elemento que corrobora esse cenário, mas que também é um desdobramento dele, consiste na criminalização das torcidas organizadas, discurso reproduzido pela imprensa, sociedade e poder público que superficializa a complexidade das relações sociais dessas instituições.

18 Não pretendemos, entretanto, construir automaticamente uma ponte que liga a fundação, em 1933, do Ferroviário Atlético Clube à experiência da Ultras Resistência Coral, em 2005, como causa e efeito. Seria ingenuidade pensar em uma linearidade e continuidade em um lapso temporal tão extenso. Ressalta-se, nessa perspectiva, a circulação de uma memória, denominada de Erfahrung por Walter Benjamin, compartilhada, sob forma diversa, entre gerações de torcedores, ao mesmo tempo em que há silenciamentos e esquecimentos por outros, a memória Erlebnis.

19 Este título dialoga e reposiciona algumas ideias trabalhadas por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2010) sobre o lugar que o professor ocupa na pós-modernidade. Para Albuquerque Júnior, dentre as instituições sociais criadas na modernidade, a escola é um exemplo significativo na produção de subjetividades e na disciplinarização social. Contudo, diante das crises no tempo presente, questiona: qual lugar ocupado pela escola? Se a escola moderna é um fracasso, este não seria funcional para a sociedade que vivemos? Nessa perspectiva, transpondo parte das questões enunciadas pelo autor para este estudo, o futebol enquanto criação da modernidade, estruturado pela elite, constitui também um fracasso funcional produtor de desigualdades e de exclusões? Busca-se pensar o futebol e as formas de torcer através de um futebol/torcida que deforme - e não aquelas formadas em torno de uma lógica excludente - torcedores que interroguem acerca dos códigos sociais em que foram formados.

Para divulgar e se apresentar nos estádios, a URC elaborou o Manifesto de Lançamento, terminologia do documento que contém as razões do surgimento, as diretrizes políticas e também elenca as principais ideias defendidas pelo grupo. Em alusão ao Manifesto Comunista, o Manifesto de Lançamento da torcida tem, em sua introdução, uma crítica ao capitalismo pelos ataques e golpes cada vez mais constantes em momentos de crises, guerras e revoluções, o que evidencia uma narrativa que extrapola os domínios do futebol. Ainda chama a atenção para a apropriação que o capital faz das produções da humanidade – o esporte e a ciência – para extrair lucro. Portanto, nota-se a importância creditada ao futebol enquanto espaço de resistência.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL nasce da fundição da luta da classe operária com sua paixão pelo futebol, precisamente pelo FERROVIÁRIO ATLÉTICO CLUBE, um clube surgido genuinamente da classe operária, de dois times de final de expediente de trabalho, em que operários ferroviários reuniam-se para jogar após a dura e alienante jornada de trabalho. Desde então [sic] nossa classe passou a ter porquê sentir orgulho no futebol, pelos títulos, pelos gols e pelas jogadas inesquecíveis. Mas a isso seguiram-se derrotas no campo, na luta de classes. O FERRÃO foi sendo escanteado, depreciado por adversários, por cronistas futebolísticos da mídia burguesa que, implicitamente, tentaram destruir a consciência de classe “forjada na refrega e no fogo” do férreo torcedor coral. O “TUBARÃO DA BARRA” passou pelo risco de fechar as portas, de perder sua estrutura no bairro operário da Barra do Ceará. Mas sua torcida fez do sacrifício o suporte para manter erguida nossa sede, a Vila Olímpica Elzir Cabral. As barras de linha de trem, que literalmente sustentam a estrutura de concreto, e os vigorosos punhos operários, que mantêm erguida a bandeira coral, jamais hão de ruir²⁰.

O primeiro aspecto que chama atenção é a explicitação das razões que motivaram a criação da URC, a fusão entre a luta da classe operária e a paixão pelo futebol, notadamente por ser um clube criado por trabalhadores. Nesse caso, é interessante confrontar com os depoimentos concedidos, percebendo que esses dois elementos são frequentemente destacados pelos entrevistados. Outro ponto a ser destacado se refere à condição e ao estigma do “torcedor coral” enquanto grupo escanteado, marginalizado pela imprensa *burguesa*. É a cultura de uma memória de resistência acionada pela URC e que atravessa gerações desde a fundação do clube nos anos 1930.

No lugar do caráter espontâneo e natural, ressaltam-se os empreendimentos deliberados de reconstrução empreendidos pela memória, que responde por via de regra a demandas e interesses políticos precisos. Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. O que é aqui colocado em primeiríssimo plano é, portanto, a relação entre *memória e (contra) poder*, memória e política (SEIXAS, 2004, p. 41-42)

A “reconstrução engajada do passado” se expressa fortemente na narrativa elaborada pelos integrantes da URC, evidenciando a relação entre memória, contrapoder e subversão, refletida por Jacy Seixas. No momento da fundação do grupo, sua primeira geração reivindicou, por meio do empreendimento memorialístico, a consciência de classe do Ferroviário para constituir um contrapoder nos espaços do futebol.

Na narrativa do Manifesto de Lançamento, apreendemos dois diferentes momentos

²⁰ Manifesto de Fundação da URC, 2005.

do texto. O primeiro momento trata da defesa do futebol enquanto campo que revela a luta de classes e dos porquês da criação da torcida, buscando se contrapor aos modelos coletivos do torcer já existentes. O segundo momento do texto retrata as críticas da URC a diversos elementos que caracterizam os espaços do futebol, como a homofobia, o racismo e o machismo. A estrutura narrativa utiliza o recurso de uma linguagem direta e objetiva:

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL combate intransigentemente a homofobia, pois cremos que cada um tem o direito a fazer a opção sexual que quiser. Incentivamos este segmento de oprimido(a)s a organizarem-se; nossa claque disponibiliza todo espaço para a discussão sem quaisquer constrangimentos.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL combate implacavelmente o racismo, dentro e fora das arquibancadas. O capitalismo utiliza o racismo de forma sistemática, inclusive nos estádios. Lutamos intrepidamente contra grupos nazi-fascistas que usam as torcidas para espalhar o ódio racial. Racismo se combate com raça e classe.

A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL não admite machismo em suas fileiras, dando a batalha para que as mulheres operárias se organizem para encampar a luta anti-machista. É inegável que a classe operária está impregnada de preconceitos, conseqüentemente, a luta contra o machismo também deve se dar no interior de nossa classe. E queremos não apenas que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens, aspiramos também a [sic] própria superação desses conceitos da sociedade de gênero²¹.

A homofobia, o racismo e o machismo são as principais temáticas a serem combatidas pela URC dentro e fora dos estádios. Contudo, o documento elaborado pela torcida faz emergir um aspecto central para nossa análise, especialmente quando afirma: “Lutamos intrepidamente contra grupos nazi-fascistas que usam as torcidas para espalhar o ódio racial”²². Ao passar o “pente fino” na decomposição do documento nesse trecho, há um movimento relevante em relação à constituição de si, realizado pelos integrantes, que, ainda que não se denominem como antifascistas no momento de sua fundação, consagram práticas antifascistas em sua atuação.

O Manifesto de Lançamento nesse momento funcionou também como um convite para que tod@s e qualquer sujeito oprimido, seja pela orientação sexual, negro(a) ou mulher, integrasse a torcida. O grupo reconheceu, portanto, a necessidade da luta interseccional entre raça, classe e gênero, buscando desconstruir a cultura machista arraigada no futebol, bem como dentro do próprio coletivo torcedor.

Dito isso, consideremos as especificidades a partir da experiência de mulheres que integram a Ultras Resistência Coral, ocupam um espaço tradicionalmente masculino e constroem politicamente a torcida, a fim de compreender de que maneira as mulheres tensionam os modelos coletivos da história do torcer. Sabe-se, em contrapartida, que inúmeras mulheres historicamente frequentaram os estádios, embora, às vezes, sem organizarem-se coletivamente e, em outros casos, compondo uma torcida organizada, particularmente através de Núcleos Femininos²³.

23 Existem relevantes pesquisas que tratam sobre a relação entre esporte, mulheres e gênero. Para maiores informações, conferir Goellner; Kessler (2018); Pereira; Mazo (2014); Almeida (2019).

IMAGEM 03 – FAIXA DA RESISTÊNCIA ANTIMACHISTA DA URC CENSURADA



Fonte: Página Facebook, Ultras Resistência Coral

Na imagem acima, que retrata uma faixa da URC com a frase *Resistencia Antimachista* no Estádio Presidentes Vargas, na cidade de Fortaleza, o grupo refuta e questiona os espaços de poder ocupados por homens no futebol, marginalizando a atuação das mulheres por meio de uma cultura machista. A publicação, da página oficial do grupo no Facebook²⁴, explicita o episódio ocorrido em 2016 de censura à exposição da faixa, em que foi ordenada sua retirada pela Polícia Militar do Estado do Ceará.

Nesse sentido, seja bandeiras com símbolo do comunismo, seja faixa com teor político de esquerda, as práticas – políticas – de censura, enquanto dispositivos de controle, foram estabelecidas de modo a impedir a publicidade e o projeto político da torcida. As páginas de redes sociais desses grupos produzem narrativas e memórias, constituindo arquivos digitais que levantam problemáticas a serem exploradas, conforme constataram as pesquisadoras Maia e Silva (2017):

[...] em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de práticas transformadoras. (CASTELLS *apud* MAIA; SILVA, 2017, p. 89).

Uma das mulheres que compõe a URC, D²⁵, identifica-se como anarquista e, além da torcida, constrói outro coletivo que prefere não informar o nome, tendo em vista a conjuntura política atual do país e diversas formas de repressão. Acerca das razões que a levaram a ingressar na torcida, ela narrou:

Nessa trajetória de militância ainda na graduação foi que conheci as pessoas da Resistência, que eu era mais pro lado do anarquismo, porque a Resistencia tem comunista, anarquista

24 Consideramos a imersão no ambiente digital uma necessidade para a pesquisa em Ciências Humanas, principalmente na investigação sobre as redes sociais e o papel que estas exercem na mediação dos debates nesse universo. Há controvérsias sobre como definir o trabalho de campo nas humanidades digitais: ciberantropologia, netnografia ou etnografia virtual.

25 D, no momento da entrevista, tinha 27 anos de idade; é formada em Serviço Social e mestra em Sociologia, ambos pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), atualmente cursa o doutorado. Torcedora do Ferroviário Atlético Clube e anarquista, D integrou a torcida a partir das Jornadas de Junho de 2013.

ou pessoas que não se declaram nenhuma das coisas. Mas que tenha um posicionamento político mais à esquerda. Nessa organização tinham [sic] 3 ou 4 pessoas que faziam parte da Resistência e eu, até então, nunca tinha escutado falar da Resistência. Então me deparei com várias coisas que eu já via de machismo, dos xingamentos ou mesmo com as mulheres que trabalhavam como árbitra, como bandeirinha, dentro do carro de ambulância. E o posicionamento da resistência frente a esses momentos foi o que me chamou a atenção (D, 2018).

O depoimento revela a identificação, a partilha e a simbiose entre a trajetória de militância de uma mulher anarquista com a atuação da URC, que estende o projeto político de esquerda para os estádios e questiona as relações de poder instituídas no futebol; dois exemplos disso, a saber: o machismo e os xingamentos “com as mulheres que trabalhavam como árbitra, como bandeira...”. Assim, a narrativa se distancia da experiência de uma mera torcedora coadjuvante. Quando interrogada sobre a sua percepção sobre a mulher nos espaços futebolísticos, afirmou:

Vamo lá, por partes. Porque tem a mulher que joga, a mulher que torce e a mulher que trabalha. Tudo isso dentro do futebol. Sobre a mulher que torce, primeiro tem a questão de você subestimar a torcedora, da não compreensão do futebol, do que tá acontecendo ou mesmo como coadjuvantes dos seus companheiros dentro do estádio. Foi uma das coisas que eu passei e que acho complicado, você acaba sofrendo com o time, às vezes mais, tem toda aquela coisa do choro, da emoção, de sofrer pelo time ou mesmo você ficar feliz, e ainda assim você ficar assim secundária, como se você tivesse de acompanhante, é bem complicado. Existe essa questão de gênero²⁶.

De acordo com D, as experiências da mulher no futebol são apreendidas a partir de três espaços: 1) a mulher que joga; 2) a mulher que torce; 3) a mulher que trabalha. Acerca da mulher que torce, ela lamentou a secundarização sofrida pela questão de gênero, uma vez que as mulheres são subestimadas como torcedoras, pois não estariam a par do jogo e do time, ou seu grau de interesse é menor simplesmente por ser mulher, sugerindo que elas estão presentes apenas para acompanhar seus companheiros. Dessa maneira, a depoente discorda radicalmente dessa percepção ao enfatizar o grau de interesse pelo time e o significado que o envolvimento emocional adquire em sua vida.

Tem a questão das mulheres que trabalham, geralmente como bandeirinha. E chamar os palavrões [sic] xingamentos de “rapariga”, “prostituta”. E a gente enquanto torcida intervém, diz que não é pra falar assim e que pode chamar de outras coisas, porque a gente fica com raiva e a reação natural é xingar. Só que existem as formas de chamar a atenção, não necessariamente precisa ser com palavras depreciativas que carregam as opressões históricas que as mulheres sofreram²⁷.

Nesse sentido, ao destacar as depreciações elaboradas pelas ofensas às mulheres que trabalham no futebol, D enfatiza que há alternativas para demonstrar sua insatisfação sem que deliberadamente despreze a trabalhadora, questionamento que a URC busca realizar nos estádios intervindo e conscientizando a torcida. Outro depoimento, da mulher de codinome R²⁸, revela como o debate de gênero não está dissociado das questões raciais, recordando o agir decolonial da URC ao apoiar o goleiro do time adversário, que havia sofrido ofensas

26 Ibidem.

27 Ibidem.

28 R é professora, nasceu no dia 07 de março de 1982 e é filiada ao Partido Socialismo e Liberdades (PSOL) desde 2015.

racistas²⁹:

A atitude da URC no jogo do FAC contra o Barbalha, no Campeonato Cearense de 2020. Na ocasião, a URC entoou gritos de apoio ao goleiro Serjão do Barbalha, que recentemente tinha sido alvo de ofensas racistas pelo torcida do Caucaia³⁰.

IMAGEM 04 – FAIXA ALIANÇA OPERÁRIA ANTIRRACISTA NO ESTÁDIO PRESIDENTE VARGAS.



Fonte: Acervo Pessoal.

A partir da imagem acima, pode-se inferir alguns elementos fomentados pelo coletivo para discutir o racismo. A visualidade da bandeira faz alusão à luta operária antirracista através de dois sujeitos de mãos dadas, um preto e um branco, supostamente afirmando uma aliança em prol dos trabalhadores. Por meio do aporte visual, a URC publiciza o combate não só ao racismo, mas também ao machismo e aos discursos de ódio no futebol. Nota-se ainda que, pelo desenho da faixa acima, o homem branco, do lado direito, usa uma barba conforme a estética dos membros da subcultura *skinhead*, evidenciando a exteriorização da primeira geração da URC.

Devido a essas problemáticas, uma das alternativas que contribui para a desconstrução do modo como tradicionalmente a mulher foi vista no futebol se refere à valorização do futebol feminino. Segundo D, a mulher que joga, que compõe a terceira modalidade de experiência de mulheres, precisa ser reconhecida e ter o apoio para popularizar cada vez o futebol feminino.

Portanto, as narrativas consideradas neste artigo entrecruzam as dimensões de classe, gênero e raça no futebol ao tensionar e a disputar espaços historicamente construídos em torno dos padrões do machismo, da homofobia e do enfrentamento. Um dos efeitos provocados pela experiência da Ultras Resistência Coral consiste na multiplicação de torcidas antifascistas, principalmente após as Jornadas de Junho de 2013, que passaram a tecer redes de aliança em diversas localidades do Brasil e de outros países.

O eco político de esquerda nos estádios de futebol, ao fim e ao cabo, carece de investigações

29 O jogo entre os times Caucaia e Barbalha foi paralisado em razão dos atos racistas provocados pela torcida, que imitaram sons de macaco para o Goleiro Serjão.

30 R é professora, nasceu no dia 07 de março de 1982 e é filiada ao Partido Socialismo e Liberdades (PSOL) desde 2015.

nas diversas localidades a fim de se compreender as nuances de cada agrupamento. Na proposta deste artigo, a Ultras Resistência Coral, mesmo que seus integrantes tenham um contingente expressivo de profissões voltadas à educação ou cursos na área de Ciências Humanas, há trabalhadores informais, a torcida teve sua origem associada à militância partidária de alguns dos seus membros.

Não à toa, a expressão utilizada para intitular esta seção - “Por um futebol que deforme” – remonta à estratégia, intenções, escolhas e atuação do que denominamos como movimento de quarta onda das torcidas antifascistas. Ao redimensionar as tradicionais relações de poder, a Ultras Resistência Coral procura deformar alguns aspectos constituintes do esporte e instituir um novo futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de esmiuçar a emergência das torcidas antifascistas e de entender quem são os homens e as mulheres desses agrupamentos, bem como o agenciamento construído por esses atores sociais trata-se de um esforço analítico arraigado nas demandas do tempo presente. Conforme afirma Oliver Dumoulin (2017), os(as) historiadores – e suas narrativas – do século XXI são atravessados(as) pelos aspectos ético e político das formas de expressão do conhecimento, inseparáveis, portanto, da legitimação diante do(s) público(s) na contemporaneidade.

É nesse sentido que analisamos como a experiência e a narrativa da URC lançam mão dos sintomas das consequências do capitalismo nos espaços do futebol, diagnosticando as relações sociais estruturadas pelo machismo, homofobia e racismo e propondo uma desconstrução radical do padrão majoritário das torcidas, como a heteronormatividade, a virilidade e a violência. Logo, todos esses elementos refletidos até aqui nos conduzem ao entendimento de que a atuação e o projeto da URC podem ser compreendidos à luz do que designamos como *sociabilidade militante*.

A multiplicação das torcidas/coletivos antifascistas na segunda década do século XXI, apesar de ser um fenômeno recente e que se encontra em aberto, consiste em uma das possibilidades de redimensionamento sobre o modo como foram elaboradas as relações de poder no futebol. Assim, a resignificação de classe, gênero e raça no futebol, por meio das torcidas *antifa*, projeta novas maneiras de engajamento dos torcedores.

A partir da trajetória da Ultras Resistência Coral, buscamos examinar a emergência das torcidas antifascistas e seus desdobramentos. A experiência do grupo revelou não só os tensionamentos produzidos pela ocupação dos estádios por esses agrupamentos mas também articulações de dispositivos de controle que censuram suas práticas. Apesar de também coibir de modo geral as práticas das torcidas organizadas, a justificativa policial em rasgar símbolo comunista ou impedir manifestação de cunho político de esquerda resvala especificidade do controle pelas autoridades.

Compreendemos como a atuação da URC é alimentada, de um lado, pelo acionamento de uma memória coletiva da fundação do clube por trabalhadores (Ferroviário Atlético Clube) e, de outro lado, pela politização sob o ponto de vista de esquerda dos integrantes. Nesse sentido, argumentamos que, na proporção em que a URC aciona uma *memória operária subversiva*

associada à criação do clube nos anos 1930, alicerça essa memória para projetar no tempo presente um novo futuro, pautado sobretudo na história da consciência de classe do time. Em contrapartida, salientamos a circulação da memória, que, por sua vez, não é simplesmente um processo homogêneo, uma vez que diversos usos do passado são apropriados pelos sujeitos históricos.

Por conseguinte, a profusão de torcidas antifascistas esquadrinhou um emaranhamento e uma rede de coletivos antifascistas transnacionais, articulados em torno de um projeto que procura repensar o futebol ao direcionar o combate ao futebol moderno, ao machismo, ao racismo, à homofobia e à violência.

Entretanto, é relevante ressaltar que essas identidades forjadas em torno do que definimos como quarta onda dos modelos coletivos do torcer não asseguram que os significados atribuídos pela torcida se restrinjam apenas à politização dos estádios. Argumentamos que a trajetória dos integrantes é multifacetada, variando desde aqueles que já eram envolvidos sentimentalmente com o time até os(as) que integraram a torcida pelas afinidades políticas. Esse diagnóstico sugere ainda uma especificidade, pois muitos desse último grupo afirmaram nos depoimentos que a paixão pelo Ferroviário passou a ser tão importante quanto a militância política.

Por fim, no quadro geral da história das torcidas, a multiplicidade de identidades vinculadas ao clube reitera as diversas experiências no tempo de organizações de torcedores, expressadas pela terminologia designada neste estudo como primeira, segunda, terceira e quarta ondas. Os sentidos e valores atribuídos às dimensões de classe, gênero e raça, conseqüentemente, foram redimensionados historicamente e, com as torcidas antifascistas – o movimento de quarta onda –, (re)centralizados nos estádios e no debate público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Por um ensino que deforme: o docente na pós-modernidade. In: Áurea da Paz Pinheiro e Sandra C. A. Pelegrini. (Org.). **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. 1ed. Teresina: EDUFPI, 2010, v. 1, p. 55-72.
- ALMEIDA, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA / UFMG**, v. 4, n. 1, jan.-abr., 2019 – FUTEBOL E MULHERES.
- ALMEIDA, Juniele Rabêlo. História e oralidade nos estudos comunicacionais. **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 47-58, 30 maio 2016.
- AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **REVISTA USP**, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay / Luiza Aguiar dos Anjos. -- 2018. 388 f.
- ATOS de torcidas contra Bolsonaro: o que levou as organizadas às ruas contra o presidente durante a pandemia. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944>. Acesso em: jun. 2020.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo, Politeia, 2019.
- CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.
- COVID – 19: Bolsonaro incentivou carreatas contra isolamento social em Manaus. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/30/covid-19-bolsonaro-incentivou-carreata-contraisolamento-social-em-manaus.htm>. Acessado em junho de 2020.
- DAMO, Arlei Sander. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA / UFMG**, v. 3, p. 37-66, 2019.
- DUMOULIN, Oliver. **O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal** / tradução Fernando Scheibe. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017. -- (Coleção História & Historiografia)
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In. **Novos domínios da história** / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. historiografia no Brasil. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.
- FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História da USP**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP** • São Paulo • n. 117 • p. 31-38 • abril/maio/junho 2018.

GOMES, Angela de Castro (orgs). **História oral e historiografia: questões sensíveis**. São Paulo: Letra e voz, 2020, 208p .

GRUPO faz carreata e aglomeração contra isolamento em fortaleza, mas é dispersado pela polícia. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/grupo-faz-carreata-e-aglomeracao-contrainisolamento-em-fortaleza-mas-e-dispersado-pela-policia-1.2235713/> . Acessado em junho de 2020.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarge; MELO, V. A. (Org.). **A torcida brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. v. 1. 160p.

JOGO no Ceará é parado após goleiro relatar sons de macaco; time rival nega. In: UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/01/21/jogo-no-ce-e-parado-apos-goleiro-relatar-insultos-racistas-time-rival-nega.htm>. Acessado em maio de 2020.

LOPES, Felipe; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **REVISTA DE ESTUDIOS BRASILEÑOS**, v. 5, p. 159-175, 2018.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia Digital. **Boletim Historiar**, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57.

MAIA, Andréa Casa Nova; SILVA, Regina Helena Alves da. Memória pública e ativismo: histórias de luta do Ocupe Estelita (Recife, Brasil) e do Renovar a Mouraria (Lisboa, Portugal). **HISTÓRIA ORAL**, v. 20, p. 81-103, 2017.

MARTINS, Pedro Paulo da Silva. **Máquinas paradas e pés à obra: futebol e lazer fabril em Fortaleza (1949-1965) – 2017**, 159f.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: **Novos domínios da história** / organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista (1950-2020)**. Tese de Doutorado, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice. As Mulheres nas Práticas Equestres em Porto Alegre/RS. **Revista Homium**, v. 3, p. 6-25, 2014.

PORTELLI, Alessandro - **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral** - introdução Miguel Carina ; seleção e tradução Miguel Cardina e Bruno Cordovil. [S.l.] : Edições Unipop, 2013.

SARA Winter não tinha nem 30 em protesto contra STF. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/marcha-dos-300-de-sara-winter-nao-tinha-nem-30-em-protesto-contrastf-24455292>. Acesso em: jun. 2020.

SEFFNER, Fernando; BANDEIRA, A Coligay e as memórias dos torcedores do Grêmio. **REVES – Revista Relações Sociais**. V.03, n.01., 2020.

SEIXAS, 2004. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCINI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelo significado de torcer. In: COSTA, Márcia Regina da. **Futebol, espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editorial, 1999.